

TERRITÓRIOS DIGITAIS: DILEMAS E REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE ADOLESCENTES NA CIBERCULTURA

Fátima Ivone de Oliveira Ferreira

Mestre em Ciências Sociais UFRJ; doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação – UNESA; professora do Colégio Pedro II
fatimadeoliveira@uol.com.br

Lucia Regina Goulart Vilarinho

Mestre e Doutora em Educação UFRJ; professora do Programa de Pós-graduação em Educação – UNESA
lgvilarinho@netbotanic.com.br

Resumo

Neste artigo busca-se discutir os usos e apropriações das redes sociais *on line* por adolescentes matriculados em uma escola básica brasileira, mais especificamente cursando o ensino médio. Diversos autores, ao se interessarem pela navegação do jovem no ciberespaço, afirmam que a internet permite a este personagem o uso da máscara, favorecendo a construção de outras narrativas de si e a quebra de parâmetros instituídos. A expansão intensiva do uso das tecnologias de interatividade digital amplia os contextos relacionais dos jovens, abrindo possibilidades ilimitadas de experimentações identitárias. Paralelamente, no plano da proteção ao jovem, cresce a literatura que tenta dar conta dos chamados ‘fatores de riscos digitais’ tais como: o tecnoestresse, a tendência ao vício, o *cyberbullying*, a sexualidade virtual e a pedofilia. O cenário atual, marcado por um clima de insegurança, engendra o que podemos chamar de “sociedade digital de risco”, numa referência à tese da “sociedade de risco” de Ulrich Beck. A narrativa aqui apresentada deriva de pesquisa que busca aproximar-se do cotidiano do adolescente, ancorada em uma abordagem crítico-qualitativa. Nela foi explorada a etnografia virtual que teve como subsídios de análise os depoimentos, textos e imagens inseridos em redes sociais por adolescentes praticantes da cultura digital. O objetivo mais amplo do texto é favorecer a compreensão do ciberespaço como extensão da própria vida do adolescente, a qual ultrapassa a separação entre virtual e real e, ao mesmo tempo, defender a apropriação crítica e criativa das redes sociais *on line*. Em síntese, espera-se desvelar, para professores e pais, este universo cultural particular e desafiante.



Palavras-chave: Adolescência; Cibercultura; Redes sociais *on line*.

Abstract

This article aims to discuss the uses and control of *on line* social networks by adolescents enrolled in a Brazilian primary and secondary school, particularly the ones attending secondary school. Being interested in youngsters surfing the cyberspace, several authors state that the internet allows such character to wear a mask, favoring the construction of other narratives besides themselves and a rupture with established parameters. The intensive expansion of the use of technologies having digital interactivity amplifies the youngsters' relational contexts, providing for unlimited possible identity experiments. In parallel, concerning the youth protection, the literature on the so-called 'factors of digital risks' such as techno-stress, the tendency to addiction, the cyber bullying, the virtual sexuality and pedophilia has increased. The present scenario, distinguished by unsafe environment, generates what we consider to be a "digital society of risk" in reference to Ulrich Beck's thesis of "society of risk". The narrative described here stems from research aiming to come close to the everyday life of the adolescent and it is anchored in a critical qualitative approach. According to such approach, the virtual ethnography was deployed drawing upon the analysis of statements, texts and images put in social networks by adolescents who participate in the digital culture. The text aims to promote understanding of the cyberspace as an extension of the adolescent own life, which extends beyond the virtual and real division and at the same time and to defend the critical and creative use of the on line social networks. In sum, we expect to uncover this specific cultural and challenging universe to teachers and parents.

Keywords: Adolescence; Cyberculture; On line social networks.

Introdução

Na cena contemporânea as tecnologias de informação e comunicação (TIC) são estruturantes de práticas culturais e o uso de artefatos tecnológicos no cotidiano está generalizado. Crianças e adolescentes aproximam-se desses artefatos cada vez mais cedo, dominando seu manuseio, seja para entretenimento ou para a realização de tarefas escolares. Os usos desses artefatos converteram-se em vários estudos nos

campos da Psicologia, da Comunicação, da Educação e da Antropologia, objetivando investigar as experiências juvenis no contexto da cibercultura, compreendida aqui como a atual configuração sócio-histórica e que tem no ciberespaço, com a emergência das redes sociais *on line*, seu centro de comunicação e interatividade.

Lemos (2008, p. 16), ao definir as características da cibercultura, evoca a criação de uma nova relação entre as tecnologias digitais e a vida social que reestrutura as agregações sociais na atualidade. “A tese de fundo é que a cibercultura resulta da convergência entre a socialidade contemporânea e as novas tecnologias de base microeletrônica”. O ciberespaço é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores (Lévy, 2008) e propicia, com grande atratividade, a adesão de sujeitos das diversas faixas etárias e classes sociais, cabendo destacar que são os mais jovens que predominam nas chamadas redes sociais *on line*, como *Facebook* e *Twitter*.

Esta predominância tem sido analisada por diversos estudiosos, entre os quais cabe destacar Mamede-Neves (2006) e Pereira (2010), cujos trabalhos analisam o uso das redes sociais *on line* por jovens como um espaço de expressão que integra ‘o ter, o ser e o parecer com quem tem ou com quem é’. Em outras palavras, discutem o uso da máscara e a carnavalização (Mamede-Neves, 2006) e as ilimitadas possibilidades de experimentações identitárias (Pereira, 2010).

A adolescência, considerada por psicanalistas como uma fase do desenvolvimento humano pouco conhecida e enigmática (Herzog, & Mariante, 2008), encontra-se, hoje, em exposição em meio à cultura do compartilhamento e da hipervisibilidade. Os objetos circulantes na cultura digital, como os *smartphones*, ao mesmo tempo em que permitem maior controle e rastreamento sobre os passos juvenis, dão a esses jovens a oportunidade de compartilhar com seus pares prazeres e dores no momento em que eles estão ocorrendo, consagrando o ciberespaço como lugar dos relacionamentos, informações e sociabilidades.

Simmel (2006) entende a sociabilidade como forma autônoma ou lúdica de associação. Toda sociabilidade é um símbolo de vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil. Na escola, entre os adolescentes-alunos, as conversas representam o prazer explícito de estarem juntos. O conteúdo dessas conversas e as subjetividades envolvidas nas interações se dissolvem na forma pura da sociabilidade. A escola constitui-se, então, em espaço de sociabilidades, expansão social e formação humana, hoje complexificado e transformado pela presença das tecnologias



digitais. O dentro-fora da escola, proporcionado pelos ambientes digitais, movimenta processos de identificação e intersubjetividades e, em muitas situações, contribui para minorar o caráter opressivo que as culturas e sociabilidades juvenis podem expressar.

O que temos percebido no dia a dia, como profissionais de educação, é que a escola está sendo afetada pela cultura do espetáculo, das imagens e da visibilidade, sugerindo a chegada de outra gramática cultural (Costa, 2009). A adolescência, entendida como período de escolaridade obrigatória, encontra na escola um território para o exercício da construção de si expandido pelos territórios digitais no qual percebe que pode habitar com mais autonomia e liberdade. Assim,

“intersubjetividade e individuação, tempos, espaços e lógicas sociais de construção de si, à medida que o corpo cresce e tudo o resto se transforma, são, portanto, os ingredientes fundamentais para a configuração de um olhar diferente sobre os indivíduos, que pela sua idade e identidade, são considerados e se consideram jovens.” (Pappámikail, 2012, p. 387)

A experiência de ser jovem na contemporaneidade tem sido objeto de alguns estudos acadêmicos. Pereira (2008), em sua tese de doutorado em Antropologia Social, discute a singularidade da sociabilidade juvenil em uma *lan house* da cidade de Porto Alegre, desvelando a participação de jovens em redes sociais *on* e *off line*. Depreende que os jovens conseguem atingir uma *performance* sofisticada nos jogos vivenciados neste ambiente (*games MMORPG*, em especial, o Tibia), a qual contrasta com o desempenho expresso na escola. Ferreira (2009), na sua dissertação de mestrado na área de Comunicação, analisa a relação entre cibercultura, imaginário e juventude. Focaliza a influência da internet no imaginário de jovens brasileiros e, nesta direção, problematiza a relação entre juventude e ciberespaço.

Recentemente, Silva Batista (2008), na área da Psicologia Social, discutiu a formação do jovem na sociedade contemporânea, mais especificamente no ‘capitalismo tardio’¹, a partir de quatro aspectos: individualismo, autonomia, ideologia e comportamentos sociais dos jovens. Este autor comparou grupos jovens de duas cidades, do Estado de São Paulo, com características bem distintas em termos de

¹ Capitalismo tardio, capitalismo flexível, capitalismo pós-industrial ou ainda novo capitalismo são expressões que designam o capitalismo após suas fases de mercado (1700-1850) e monopolista (1850-1960). O atual estágio de desenvolvimento é marcado por uma crise de reprodução do capital, causada pela exaustão dos recursos naturais diante da expansão do consumo, pela expansão das corporações multinacionais, pela mundialização dos mercados e do trabalho e pela financeirização do capital.

acesso à tecnologia, de pertencimento a grupos sociais e de participação em atividades sócio-políticas. Na área da Educação, situa-se a tese de doutorado de Martinez (2006), que analisou formas de sociabilidade de jovens de camadas populares na Argentina, observando a emergência das novas tecnologias de informação e comunicação na configuração da juventude.

Cabe destacar a pesquisa de Gurski (2008) que, em sua tese de doutorado em Educação, problematiza os modos violentos de representação social vividos por jovens de classe média e alta, indagando, entre outras questões, quais as condições da contemporaneidade que poderiam provocar condutas violentas entre os jovens. Para esta autora, a representação do jovem em relação ao laço social está sendo afetada pela(s) ciência, mídia e novas tecnologias e pelo esvaziamento do espaço público como espaço legítimo de representação.

Ainda cabe citar o estudo de Barcelos (2008) sobre as culturas juvenis em uma escola pública de ensino médio, constatando que as regras, normas e valores constituídos historicamente expressam as relações estabelecidas pelos jovens na escola e constroem coletivamente novos usos neste espaço, contrastando com as visões que rotulam o comportamento jovem como desviante.

A leitura desses trabalhos, aliada às inquietações da nossa atividade profissional, nos levou a pensar em uma investigação que se ocupasse da intensa relação dos jovens da escola básica, especialmente do ensino médio, com as tecnologias digitais, discutindo o uso das redes sociais e da internet em suas vivências cotidianas.

Os jovens que hoje frequentam a escola básica brasileira, ao vivenciarem um processo de socialização permeado pela cultura digital, experimentam mudanças radicais nas concepções de tempo e espaço e em suas dinâmicas de interação social, construindo um repertório de interesses diversos do que lhes é oferecido pelas escolas. As mudanças no comportamento desses adolescentes conduzem a uma crítica recorrente à escola quanto à sua incapacidade de considerar as necessidades da juventude; revela-se hoje uma dicotomia entre os objetivos institucionais e a cultura juvenil (Barbosa, & Araújo, 2009).

No contexto da revolução cibernética e informacional se reconfigura a sala de aula, a partir da pressão de corpos jovens móveis, apresentando narrativas totalmente opostas às narrativas discursivas tradicionais. Os avanços tecnológicos contemporâneos e as mídias eletrônicas provocam uma mistura de experiências que



desestabilizam os sujeitos envolvidos no cotidiano escolar. Isto implica em novas competências para o professor e novos desafios à formação docente. Tapscott (2010) observa que, para a *geração internet*, as redes sociais e a mobilidade da conexão apresentam a potência de colaboração, criação coletiva e possibilidade de ação cívica global. Considera que a formação em um ambiente como o da internet, onde é possível experimentar a liberdade e a sensação de ausência de vigilância, produz indivíduos multitarefas e resistentes à autoridade, que exigem uma educação voltada para o mundo real e que seja capaz de mobilizá-los.

A vida contemporânea nos centros urbanos, atravessada pela presença das tecnologias de informação e comunicação (TIC) em todos os setores sociais, potencializa processos de fragmentação da experiência. Estudantes da escola básica, especialmente os do ensino médio, têm expressado certa dificuldade em acompanhar e formular uma argumentação consistente que conecte o tempo histórico ao tempo presente, o que sugere a professores e pais a presença de um universo cultural particular e desafiante.

Harvey (1995) aponta que o aumento de informações disponíveis não garante conhecimento de problemas contemporâneos. A disponibilidade de informações variadas e díspares pode reduzir a atenção e levar ao acúmulo de dados que não são analisados por falta de tempo ou de especialistas – trata-se da exformação. Já Lipovetsky e Serroy (2011) vão além desta perspectiva, entendendo que a superinformação se torna ameaçadora para a liberdade do mundo ocidental ao dificultar a distância analítica necessária para que se atinja uma postura crítica, capaz de dar sentido às informações. A aceleração crescente da oferta de tecnologias analíticas (cognitivas, visuais, auditivas, gustativas), aliada à manipulação da demanda imediata de consumo, reflete uma face cultural de exaltação da novidade e de ataque à história. No entanto, essas mesmas tecnologias que fragmentam a experiência conectam esses jovens ao mundo inteiro, possibilitando a abertura de redes de colaboração jamais vividas por tantos em relação a tantos (Levine, 1997).

Novaes (2009) entende que os recursos da internet facilitaram a articulação e a criação de redes que se tornaram formas de expressão e comunicação entre jovens, inventando e reinventando estilos. Entretanto, não é certo que o uso da internet, sua apropriação e a interatividade que possibilita, intensifique a interação social; pode, porém, levar à redefinição das formas de trocar, de ser e de estabelecer vínculos sociais.

Diante do exposto, consideramos relevante uma investigação sobre usos e apropriações da internet e redes sociais *on line* por adolescentes que cursam o ensino médio. Nosso interesse se voltou para as transformações que os computadores e a internet trazem à rotina e ao estilo de vida dos adolescentes; mais especificamente, buscamos saber como eles se relacionam no ciberespaço, a partir dos novos espaços de sociabilidade, ou seja, das redes sociais *on line*.

Os passos metodológicos da pesquisa incluíram uma etnografia na escola escolhida como contexto de estudo – o Colégio Pedro II, situado na cidade do Rio de Janeiro – e uma netnografia, ou etnografia *on line*, procedimento de coleta de dados específico para espaços virtuais. No caso desta pesquisa, foi criado um *blog* com o objetivo de levar os estudantes a promoverem uma discussão sobre as diferentes apropriações que se concretizam no processo de interação com as redes sociais *on line*. Paralelamente, foram considerados, por meio de observação e participação no campo, os perfis do *Facebook*² dos grêmios estudantis e de alunos que autorizaram, com a anuência de seus pais, a pesquisa em foco.

O *site* do *Facebook* oferece acesso gratuito e gera receita por anúncios publicitários. Os usuários criam seus perfis e podem publicar e compartilhar seus textos e imagens. Nestes espaços, foram estudados os rastros de inquietações, opiniões e posicionamentos dos adolescentes acerca dos riscos digitais, bem como as construções e idealizações que possuem sobre a relação da escola com o mundo virtual.

Adolescência, Redes Sociais On Line e Identidades Juvenis

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (Brasil, 1990) considera adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos. Já o Estatuto da Juventude (Projeto de Lei n. 4529/2004), regulamenta os direitos das pessoas de 15 a 29 anos. A determinação de critérios etários constituintes da categoria juventude é dificultada pela complexidade da sociedade contemporânea. O fim da juventude e o início da vida adulta foram definidos no passado por determinados marcos, como: conclusão dos estudos; ingresso no mercado de trabalho; emancipação da família; desenvolvimento de relações afetivas estáveis e a cristalização de uma identidade pessoal. Esses

² O *Facebook* se tornou a maior rede social no Brasil de acordo com o Ibope Nielsen On line, que produz o *ranking* de audiência da *web* brasileira utilizado como referência no mercado digital, o *Facebook* ultrapassou o *Orkut* em número de usuários brasileiros, pela primeira vez em julho de 2011, a rede social de Mark Zuckerberg contava com 30 milhões de assinantes no Brasil, contra 27 milhões do *Orkut*.



marcos sociais e políticos, outrora sinalizadores do início da vida adulta, sucumbiram às provas de força impostas pela economia e por novos arranjos afetivos e culturais.

Fatores sociológicos característicos da contemporaneidade conduziram a um prolongamento da juventude. Hobsbawn (1995) afirma que a cultura juvenil tem sido dominante nas economias desenvolvidas de mercado. Essa cultura tornou-se hegemônica, envolvendo todas as faixas etárias. Morin (1998) considera que a adolescência surge como classe de idade em meados do século XX, sob a estimulação permanente do capitalismo, da sociedade do espetáculo³ e do imaginário. Acentua ainda que a criação ou a estimulação da adolescência efetiva-se num clima de promoção dos valores juvenis no conjunto da sociedade. Pensando sobre os limites etários da juventude, Sarlo (2006) afirma que a infância quase desapareceu, encurralada pela precocidade da adolescência. A juventude pode prolongar-se até depois dos trinta anos, para se aproveitar do que ela chama de “estilo jovem”, categoria que começou a esboçar-se nos anos 50. Para esta autora “a juventude não é uma idade e sim uma estética da vida cotidiana” (Sarlo, 2006, p. 36). Assim, a juventude deixa de ser um conceito objetivo relacionado a uma faixa etária, e ganha espaço na subjetivação dos indivíduos, que passam a entendê-la como um complexo de representações composto por signos e símbolos com sentido pessoal e específico. Juventude é, pois, um conceito construído socialmente que se molda a contextos históricos e sociais.

Historicamente, o período da infância-adolescência foi distinguido, a partir do lento estabelecimento de um nexos entre idade e escolaridade e até o século XVII essa relação foi muito incerta (Ariès, 1981). Nas sociedades moderno-contemporâneas⁴, ensino e juventude passam a ter uma vinculação definitiva (Pereira, 2010).

As sociabilidades da adolescência / juventude vêm sendo transformadas pela cultura digital, na medida em que o acesso aos bens digitais e a competência na mobilização desses bens propiciam o ingresso no contexto social informatizado da complexa sociedade moderno-contemporânea (Pereira, 2010). Assim, o uso das tecnologias marca o território desses personagens: câmeras fotográficas digitais,

³ Sociedade do Espetáculo é termo cunhado por Debord (2003) e se refere à sociedade contemporânea dominada pelo consumo e pelas informações veiculadas pelas mídias.

⁴ Utilizamos o termo ‘sociedades moderno-contemporâneas’ para retratar as sociedades atuais que, por mais desenvolvidas que sejam, apresentam, em sua composição cultural, elementos que nitidamente são característicos da Idade Moderna e outros específicos da Era Contemporânea. No Brasil, por exemplo, podemos citar as atividades do agronegócio, hoje amparadas por tecnologias digitais, amplas pesquisas sobre produção agrícola, máquinas potentes, entre outros elementos da contemporaneidade, e da agricultura de subsistência, realizada à base do conhecimento empírico, como tradição oral.

iPod's e telefones celulares parecem extensões do corpo jovem. A emergência da sociabilidade no ciberespaço é discutida por Rocha (2011), que chama de deslumbramento computacional o impacto da sedução das imagens. A abordagem deste autor não enfatiza o uso da internet pelos jovens, entretanto, considera que a sedução causada pelas tecnologias computacionais e suas interfaces chega ao grau de fetiche, em alguns casos. Para ele, o envolvimento emocional dos usuários, reduz sua criticidade. Distingue, ainda, as condições de deslumbramento e de encantamento, sendo a primeira mais passageira e superficial e a segunda, mais profunda e com capacidade de fixação na cultura.

Trivinho (2001, p. 108) fala do “boom da sociabilidade imaterial sem corpo” no ciberespaço, com base nos contatos assépticos das relações mediadas informaticamente, que trariam segurança num contexto social fraturado pela ameaça do vírus HIV. As abordagens desses autores sugerem a existência de um cenário tecnologizado favorável a determinadas características, geralmente atribuídas à juventude, como, por exemplo: ludicidade, risco, aventura, gostar do desconhecido e de estabelecer novas relações sociais. Observamos, hoje, uma tendência à juvenilização dos valores sociais que subvertem a antiga hierarquização simbólica entre infância, adolescência e maturidade, em um cenário onde a cibercultura aparece como matriz do sentido contemporâneo.

Canclini (2010) encontra, nos novos espaços de intermediação cultural e sociopolítica, sujeitos capazes de transformar a atual estruturação globalizada. São novos agentes de intermediação, tais como: instituições flexíveis que trabalham em várias línguas, especialistas formados em códigos de diversas etnias e nações, promotores culturais e ativistas políticos (idem, p.28). Em um entendimento ampliado do processo educacional, que vai além dos limites da escola, esses agentes trazem novos discursos e diagnósticos da realidade. Ceder à globalização ou (re)afirmar identidades? A identidade jovem parece se afirmar com o consumo de bens e produtos culturais específicos:

“Se, no passado, o pertencimento a uma cultura assegurava bens simbólicos que constituíam a base de identidades fortes, hoje, a exclusão do consumo torna inseguras todas as identidades. Isto, justamente na cultura juvenil, é bem mais evidente: o desejo – pela marca – marca socialmente.” (Sarlo, 2006, p.108)

Assim, investigar as identidades jovens implica em identificar e compreender



seus hábitos de consumo nesta sociedade que pressiona pela homogeneização cultural. Demanda, também, reconhecer o processo de formação de identidades como produto histórico da estrutura social em que vivem os indivíduos:

“Uma sociedade voltada eminentemente para o consumo requer, necessariamente, um tipo de personalidade que se identifique com os ideais projetados nos mais diversos objetos fetichizados do grande mercado de capital.” (Severiano, 2006, p. 91)

Da leitura de Maffesoli (2010) emerge um questionamento sobre a lógica da identidade: baseada em padrões mais estáveis de individualidade, perde, na contemporaneidade, sua capacidade analítica para as identificações sucessivas de caráter mais fluido, relacionáveis ao ritmo e superposição das tribos. Este posicionamento remete a uma concepção plural de sujeito. Na pós-modernidade de Maffesoli (idem), os indivíduos circulam por tribos. Não há rigidez nas posturas assumidas, o indivíduo pode ter múltiplos papéis. No mundo contemporâneo as identidades estão “descentradas”, deslocadas, fragmentadas. O processo de identificação através do qual projetamos nossas identidades tornou-se provisório, variável, instável.

De acordo com Kehl (2004), a cultura jovem abre um campo de identificações imaginárias do qual participam pessoas de todas as idades. Categoria privilegiada pela indústria cultural, o adolescente foi transformado em símbolo publicitário de energia e felicidade e levado a consumir alucinadamente e a induzir ao consumo, num ciclo hedonista de reprodução da sociedade. Aqui vale citar mais longamente Kehl:

“O conceito de adolescência é tributário da incompatibilidade entre a maturidade sexual e o despreparo para o casamento. Ou, também, do hiato entre a plena aquisição de capacidades físicas do adulto – força, destreza, habilidade, coordenação etc.– e a falta de maturidade intelectual e emocional, necessária para o ingresso no mercado de trabalho. O aumento progressivo do período de formação escolar, a alta competitividade do mercado de trabalho nos países capitalistas e a escassez de empregos obrigam o jovem adulto a viver cada vez mais tempo na condição de “adolescente”, dependente da família, apartado das decisões e responsabilidades da vida pública, incapaz de decidir seu destino.” (Kehl, 2004, p. 91)

A netnografia que utilizamos no *Facebook* revelou que alunas e alunos habitam e compartilham esta rede social, ampliando seus espaços de comunicação e deixando rastros para nossa interpretação. A cultura do compartilhamento é uma das dimensões da cibercultura, potencializada pelas redes sociais da internet (Zanetti, 2011). Ferramentas de compartilhamento são usadas em *blogs* e *sites* para recomendar ou enviar ao amigo os conteúdos exibidos. A opção “curtir” no *Facebook* segue esta tendência ao representar a aprovação de ideias, imagens, fotos ou expressões. Um número elevado de “curtir” em um *post* do *Facebook* é símbolo de popularidade no sentido de ser visto e aprovado por muitos. A fala de *Mirna*⁵ atesta esta afirmação: *Muito bom ter uma foto curtida por 19 pessoas em apenas duas horas! É bom saber que você agradeceu. Eu gosto, e todo mundo gosta.*

Podemos citar outros exemplos de compartilhamento como o que concretizaram em relação ao emblema do Colégio. Uma aluna postou um comentário e deste derivou uma conversa que se revelou como compartilhamento de sentimentos e subjetividades, envolvendo alunas e professora. A frase – *Só quem carregou no peito estas três estrelas conhece a saudade e a aflição de deixar pra trás um emblema que é quase a pele que protege o coração* – foi postada pela aluna, junto com a imagem. A professora respondeu com o seguinte texto:

“Achei muito bonita a homenagem dos alunos ao Colégio Pedro II. Nesses tempos difíceis no qual vivemos (sic), a escola pública tem um importante lugar na luta por um Brasil socialmente mais justo, educado, pleno em perspectivas e capaz de dialogar com as diferenças.”

Outra aluna se insere na conversa, dizendo: *Professora, eu vi você falando com a moça da UFRJ, hoje lá na sala, que no Pedro II os professores são valorizados pelos alunos e que isso é um diferencial. Achei lindo!! haha =)*

A professora responde então: *Mas eu acho isso mesmo. Vocês, de um modo geral, são respeitadores e valorizam o professor. Eu sinto isso com o coração. Beijos.*

Notamos que o simbolismo evocado pela imagem postada – emblema do Colégio – carrega a história da tradicional instituição federal e motiva narrativas sentimentais de pertencimento a um grupo, expondo valores que podem estar pautando as relações entre estes atores sociais.

⁵ Todos os nomes apresentados neste texto são fictícios.



Encontramos a declaração de Millena, de 16 anos, que marcou em sua linha do tempo o dia 07 de outubro de 2012 com a frase: *Votei pela primeira vez!* Seguiram-se nove comentários que, em sua maioria, lamentavam o resultado da eleição. Millena disse que a eleição a levou a refletir sobre os projetos de gestão da cidade. Os últimos comentários de seus amigos foram esperançosos, desejando que o próximo voto da colega seja vitorioso. No caso desta aluna observa-se que seu registro assemelha-se a um diário. A própria interface do *Facebook* sugere esta configuração, ao determinar linhas do tempo.

O jovem Yan, de 18 anos, apresenta-se no *Facebook* com um perfil bastante distinto de outros jovens. Seus *posts* são geralmente citações de beatos, santos e santas católicas, salmos e outros textos bíblicos. As imagens referem-se ao calendário cristão, como no dia 13 de outubro, com a imagem da última aparição de Nossa Senhora. Seu perfil pode ser marcado como religioso católico e se caracteriza pelo afastamento do caleidoscópio de temáticas presentes na maioria dos perfis juvenis. Há referências sobre a Jornada Mundial da Juventude - 2013 e, entre seus amigos, há vários padres e seminaristas. Na opção 'curtir' encontramos perfis de várias paróquias e o ramo da campanha brasileira pela beatificação do jovem italiano Carlo Acutis, morto aos quinze anos.

Pertencimento ao grupo, participação cidadã ou religiosidade são marcas definidoras das identidades, deixadas pelos adolescentes em seus perfis. São expressões de si declaradas voluntariamente como catarse contemporânea.

Subjetivação e Sociabilidade nos Territórios Digitais

Para pensar a sociabilidade em tempos de cibercultura e subjetividade – entendida como as leituras e percepções de mundo ancoradas nas relações espaço-tempo (Birman, 2008), estampada na interatividade dos adolescentes – faz-se necessário questionar que sujeitos são moldados ou podem ser fabricados no mundo globalizado.

Para Canclini (2010, p. 26), a teoria globalizadora é incapaz de criar laços sociais por não levar em conta os custos sociais do processo. Argumenta que “a recente reestruturação das relações de poder, tanto no campo do trabalho como no do entretenimento, está, cada vez mais, reduzindo a possibilidade de ser sujeito a uma ficção de mídia”. Ao refletir sobre a sociedade contemporânea, focaliza a impotência induzida pela distância ou abstração dos vínculos e, citando Calhoun e Hannerz (1992,

1998, *apud* Canclini, 2010), agrega às tradicionais relações primárias, aquelas que operam a partir de vínculos diretos entre as pessoas, e secundárias, as que operam a partir de papéis e funções na vida social, as relações terciárias e quaternárias. As relações terciárias são as mediadas por tecnologias e grandes corporações. Nelas não há o sentimento de pertença nem de personalização. As relações quaternárias são as que se desenrolam sem que uma das partes tenha consciência da existência da relação. São as ferramentas de vigilância e controle da sociedade contemporânea, como os bancos de dados que reúnem informações pessoais e de crédito.

Identificando claramente no discurso das elites a fórmula ambígua que concilia a globalização e a integração regional, Canclini (2008, p. 14) destaca o processo de afastamento e desconfiança dos cidadãos das instâncias de decisão política, trazendo o esvaziamento simbólico e material dos projetos nacionais e consequente desinteresse pela participação na vida pública. O consumo transforma-se em espaço de reflexão e de ressignificação porque,

“para muitos homens e mulheres, sobretudo jovens, as perguntas próprias aos cidadãos, sobre como obtermos informação e quem representa nossos interesses, são respondidas antes pelo consumo privado de bens e meios de comunicação do que pelas regras abstratas da democracia ou pela participação em organizações políticas desacreditadas.”

Bauman (2007) analisa a sociedade contemporânea com a imagem da liquidez. Seu olhar sobre as identidades presentes no interior das atuais formações sociais se opõe ao conceito de identidade que remeta a alguma estabilidade. A modernidade é líquida porque é “pós-hierárquica”. As novas identidades são fluidas e efêmeras. Para ele, a “cultura híbrida” é um verniz ideológico porque se funda na “indeterminação” do ego e na busca de “liberdade”.

“A liberdade das pessoas em busca de identidade é parecida com a de um ciclista; a penalidade por parar de pedalar é cair, e deve-se continuar pedalando apenas para manter a postura ereta. A necessidade de continuar na labuta é um destino sem escolha, já que a alternativa é apavorante demais para ser considerada.” (Bauman, 2007, p. 47)

Assim, a busca pela liberdade e individualização, no cenário da globalização e das redes sociais *on line*, redundando na separação entre consumidores emancipados e



uma massa presa a uma identidade “sem escolha” ou “superdeterminada”.

Desta maneira, Bauman e Canclini questionam fortemente a possibilidade de subjetivação emancipatória na atual sociedade permeada por vínculos midiáticos, que tornam mais complexos ou entavam os processos de reconversão das pessoas em sujeitos do trabalho e do consumo. Canclini (2010) distingue os processos de internacionalização, transnacionalização e globalização, destacando, no último, a presença marcante dos sistemas de informação e apontando o papel da tecnologia não como determinante, mas como facilitador do crescimento e da aceleração das redes econômicas e culturais.

Ao analisar a perspectiva cultural do processo de globalização, Ianni (2000) enfatiza evidências de ocidentalização, orientalização, africanização e indigenização simultâneas do mundo, reconhecendo a emergência de uma nova realidade cultural e o incômodo causado pela tensão entre uma civilização planetária e as culturas nacionais com suas heranças peculiares. Propõe o conceito de transculturação que envolveria as ideias de contato, intercâmbio, permuta, aculturação, assimilação, hibridação e mestiçagem. Em sua concepção, o transculturalismo seria capaz de iluminar o entendimento do que se define como “nacional” porque o estudo do “local” tem que considerar as alteridades, rupturas, conflitos, permanências e circulação de ideias que uma cultura mundial emergente impõe. Em suas palavras:

“[...] a transculturação em curso ao longo da história e ao largo da geografia, processo esse que se acelera no curso do século XX, com o desenvolvimento do capitalismo e das tecnologias da comunicação, essa transculturação leva consigo a gênese de uma cultura de alcance mundial. Uma formação imprecisa e indecisa, evidente e presente, na qual se expressam instituições e ideais, modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar próprios de um horizonte mundial. Sem prejuízo de tudo que pode ser local, tribal, nacional e regional, também se desenvolvem os desafios e os horizontes que se produzem com a transculturação que corre pelo mundo.” (Ianni, 2000, p. 111)

Diferentemente de Bauman, Ianni consegue deslumbrar alguma possibilidade de contestação e estranhamento da realidade, porque nem tudo se resume em conformismo e resignação. Tal perspectiva pode iluminar a análise do uso da internet e redes sociais *on line* por jovens, já que no âmbito da instituição escolar espera-se que contratos pedagógicos possam estimular a reflexão crítica acerca da imersão

tecnológica à qual estão submetidos.

Os avanços tecnológicos contemporâneos (mídia eletrônica), os processos de aceleração, pulverização e mistura de experiências constituem fatores desestabilizadores do sujeito. Em nossa etnografia *on line*, observamos os jovens que acreditam que expor-se corresponde à alternativa de estar no mundo. Karina, de 16 anos, é usuária convicta das redes, possui perfis no *Twitter* e no *Facebook*. Para ela, relacionar-se no ciberespaço é recriar uma imagem idealizada de si. Em suas palavras: *Você está criando uma imagem que você quer que as pessoas tenham de você*. Parece que esta jovem não enxerga alternativa ao modelo de sociabilidade que as redes sociais *on line* ditam. Todas as informações a respeito de si são voluntariamente disponibilizadas ao mesmo tempo em que procura dados, fatos, fotos e rastros de outros. Nesse sentido, valem as palavras de Castro (2012, p. 72):

“Os limites da privacidade hoje em dia são colocados em questão pela rápida adoção da internet e pela crescente disponibilização de todo o tipo de imagens e dados pessoais nos bancos de dados e redes sociais. Sabe-se que o monitoramento e o processamento de dados fazem parte das estratégias corporativas, de escolas, agências de empregos e mesmo certos governos, ocasionando um tipo mais insidioso de controle e invasão de privacidade contra o qual se torna difícil oferecer resistência.”

Na mesma configuração restritiva à apropriação crítica dos conteúdos da internet e das redes sociais *on line*, é possível perceber seu potencial mobilizador capaz de catalisar interesses e pautar iniciativas. Bia, de 16 anos, faz as seguintes considerações acerca da internet enquanto instrumento de mobilização dos jovens a favor de causas sociais, em depoimento oferecido em entrevista espontânea:

“Muitas pessoas utilizam a internet para colocar todos seus pensamentos, críticas e dar início a manifestações. É o modo mais fácil e onde terá maior repercussão. Além disso, a internet (e esse uso que fazemos dela) já foi responsável pela justiça de muitos casos e denúncias. Na internet é normal que as pessoas deem suas opiniões políticas. No entanto, existem aqueles que pensam como senso comum. São com essas pessoas que procuro debater, para realizarmos uma reflexão a respeito. Existem dois tipos de internet: a útil e a que não nos acrescenta nada. Muitas das coisas que são postas lá são de grande importância, movem pessoas no mundo inteiro por uma causa significativa. Mas



é preciso ignorar muitas informações que existem ali, por serem apenas besteiras.”

Juliana, de 17 anos, postou a imagem de uma criança trabalhando em uma máquina em fábrica de tênis, numa referência às práticas de exploração de trabalho infantil. Esta foto foi comentada por outra jovem que fez uma provocação a Juliana, argumentando que era inútil aquele protesto, pois no capitalismo era assim mesmo e sempre continuaria desta forma. Ao mesmo tempo em que, de um lado, os jovens expõem reflexões críticas, de outro, aparecem elementos do cotidiano como galerias de fotos, adesões, “memes” e conversas pueris sobre o final da novela. Forma-se, assim, um caleidoscópio que envolve pensamento crítico, posturas características de uma visão cidadã de mundo (campanhas sociais e político-partidárias) e um sem fim de informações da crescente rede de amigos, marcadas pela fragmentação e futilidade.

Na medida em que os perfis identitários passam pela legitimação das redes sociais *on line*, estrutura-se um cenário propício ao vício e à dependência da internet. Faz-se necessário a adoção de uma agenda voltada para o uso equilibrado da internet por crianças, jovens e adultos.

Adolescência e Itinerários de Risco

O entendimento da adolescência como etapa de um desenvolvimento linear em busca da maturidade adulta conduz à percepção desta fase como um período em que se está mais exposto ao risco. Risco de transgressão por desafiar a ordem e a autoridade adulta ou risco de tornar-se vítima de atos criminosos por inexperiência, ingenuidade ou pela necessidade de afirmação de sua identidade. Na cibercultura e no ciberespaço amplia-se a dimensão do risco, na inevitável imersão digital. Uma pesquisa realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil⁶, divulgada em 2 de outubro de 2012, apontou os riscos de exposição aos quais crianças e adolescentes estão sujeitos ao acessarem a internet. Quanto ao tipo de conteúdo encontrado em *sites* por crianças ou adolescentes nos últimos doze meses, 14% declararam ter tido contato com mensagens de ódio contra pessoas ou grupos de pessoas; 10% tiveram contato com formas de emagrecimento a ponto de ficarem doentes; 9% falaram ou

⁶ Documento disponível em: <http://www.cetic.br/usuarios/kidsonline/2012/apresentacao-tic-kids-2012.pdf> acesso

compartilharam experiências sobre o uso de drogas na *web*; 7% disseram ter lido sobre formas de machucar a si mesmo fisicamente e 3% leram sobre formas de cometer suicídio.

A pesquisa ouviu 1580 pais e 1580 crianças e adolescentes e concluiu que a maioria das famílias está alheia ou sente-se incapaz de proteger seus filhos das ameaças da internet, atribuindo tal responsabilidade à escola, aos meios de comunicação ou ao governo. Sobre a proporção de crianças e adolescentes que passou por alguma situação ofensiva nos últimos doze meses, a pesquisa apurou que, no conjunto, dos 22% que afirmaram ter passado por esta situação, 47% o fizeram na internet. Assim, cabe supor que a presença impositiva da cultura digital impregnada por uma gama de possibilidades ambíguas muitas vezes coloca pais, filhos e escola em arenas conflitantes. Neste cenário, inúmeras famílias se negam ou sentem-se despreparadas para enfrentar os desafios do universo digital.

Se a internet e as redes sociais *on line* se converteram em palco propício à formação das subjetividades juvenis, cabe admitir que estes novos espaços de visibilidade se apresentam com múltiplas potencialidades. O acesso à tecnologia começa cada vez mais cedo, sendo necessário que o adolescente saiba utilizar as configurações de privacidade no perfil das redes sociais e adquira as habilidades para uma navegação segura, o que implica em saber bloquear propaganda indesejada, *spams* ou pessoas e comparar diferentes *sites* para saber se as informações são verdadeiras, entre outras medidas.

O triunfo da modernização autonomizada trouxe efeitos que parecem, às instituições como família e escola, colaterais e incontroláveis (Beck, Giddens, & Lash, 1997). Parece não restar alternativas e o remédio é ceder ao ritmo da conectividade em rede. O poder das mídias traz narrativas sobre a juventude, a adolescência, identidades e consumo juvenis que acabam por compor este imaginário cultural contemporâneo. Os achados de nossa pesquisa apontam que o uso das redes sociais *on line* pelos adolescentes está naturalizado e que a dimensão dos riscos digitais situa-se, na percepção destes, totalmente sob controle. Esta naturalização aparece nitidamente em conversa no *blog* da pesquisa, envolvendo uma das pesquisadoras e o jovem Pedro, de 17 anos:

“Coisas inadequadas e violentas não necessitam da internet pra se disseminar. A internet é só um meio pra que isso aconteça mais rápido. Mas eu acho até mais fácil de proteger na internet do que no dia a dia. Na internet basta tomar



certos cuidados e não visitar sites suspeitos que você está livre desses problemas. No dia a dia você tem que se preocupar a todo momento pois pode ser assaltado, sequestrado, visualizar ou participar de alguma confusão pela qual nem tem a ver. Os cuidados com o risco digital são tão simples que eu acho que não se dá nem pra considerar um real problema. O mais perigoso é, por exemplo, mexer em contas do banco pela internet (opinião minha) pois acho que, independente de quão sofisticado for o banco, tendo seus dados, um bom hacker consegue causar um problema enorme.”

Perguntamos, também, à aluna Cássia, de 16 anos, se não há exposição demasiada nas redes sociais *on line* ou algum risco e esta foi sua resposta:

“Você entra no ônibus e é uma exposição ainda maior. Sair na rua é muito mais arriscado. Você está muito mais exposta. Se você não fala sobre sua vida, você vai acabar sozinho.”

A análise desses dados nos permite inferir que os adolescentes matriculados na escola *locus* da pesquisa, possuem a presunção do poder de controle sobre o risco de falar com desconhecidos na internet ou pesquisar em *sites* não confiáveis. No entanto, ao mesmo tempo, refletem e assumem que estudar com o *Facebook* aberto leva à dispersão.

Sodré (2012) define o “vício da internet” como o uso compulsivo das redes sociais *on line*, estabelecendo com esta atividade uma relação análoga ao consumo de drogas químicas ou vegetais. Psicólogos e outros profissionais da área de saúde apontam, para além da questão do vício e da dispersão no trabalho, a incidência de déficits cognitivos, atitudes antissociais e aceleração de comportamentos socialmente desvirtuados. Avalia-se que o uso generalizado e cotidiano das tecnologias poderá rapidamente transferir a memória pessoal para as máquinas, reduzir a capacidade de contemplação em função da velocidade imposta pelos estímulos de nosso tempo e, ainda, implantar o predomínio da interatividade técnica sobre a convivência intersubjetiva. Entendemos que tais percepções colocam uma ênfase no pessimismo e desconsideram a dinâmica humana que permite a apropriação criativa da tecnologia e sua (re)invenção em busca do equilíbrio.

Reflexões sobre a Relação Escola e Territórios Digitais

A escola ainda é hoje um espaço onde se pode encontrar a possibilidade de estranhamento e desnaturalização da realidade, porém existem diagnósticos, como o de Sarlo (2006), que situam a escola como uma instituição em crise, motivada por sua incapacidade de resistência aos ditames do mercado. O empobrecimento simbólico e material da escola enfraquece os objetivos de suas propostas pedagógicas, tornando-as muito menos atraentes do que a generalizada cultura audiovisual. Sarlo (206, p. 105) assinala o individualismo da sociedade contemporânea: “Vivemos na era do individualismo que, paradoxalmente, floresce no terreno da mais inclusiva comunidade eletrônica”.

Sodré (2012) admite que as práticas da juventude em sua relação com a tecnologia podem ser visualizadas como um “jogo estético juvenil”, o que passa a exigir da escola o máximo de aproveitamento pedagógico das possibilidades digitais. O prolongamento da adolescência, da escolaridade e a falta estrutural de empregos são aspectos da sociedade em transformação que afetam, de forma decisiva, os jovens, especialmente os que cursam ou estão em idade de cursar o ensino médio. Mas é esta mesma sociedade, através da escola, que, mesmo em crise, ainda pode ser considerada agência privilegiada de socialização, capaz de promover o chamamento ao protagonismo jovem. Cabe, pois, a esta escola conhecer as culturas específicas de seus alunos para melhor desenvolver suas propostas pedagógicas.

No recorte feito para este artigo, pensamos as sociabilidades dos jovens matriculados nos anos finais da educação básica e suas apropriações dos territórios digitais que se associam às vivências escolares. O imaginário da juventude pode ser percebido em conexão com o mercado capitalista, que se aproveita do que chama de “mito da novidade permanente”, fabricando produtos culturais e bens simbólicos que serão consumidos e criarão múltiplas necessidades, facilmente descartáveis. Entretanto, em nossa netnografia nos perfis dos alunos e alunas no *Facebook*, percebemos apropriações críticas da sociedade de consumo e da organização produtiva capitalista, além de grupos formados pelas entidades estudantis (grêmios) dos diversos *campi* da escola pesquisada.

Encontramos páginas dos grêmios regularmente atualizadas; analisamos seis delas, destacando para o presente artigo aspectos encontrados em três contextos. A



página do Grêmio 1 possui 2652 amigos⁷. Em sua linha do tempo, consta a data da criação desta representação estudantil, 28 de março de 1968, momento histórico para esta secular instituição de ensino que, em 2012, completou 175 anos de existência. As lutas sociais que podem ser observadas nesta linha do tempo referem-se ao passe livre dos estudantes em transportes coletivos do Rio de Janeiro e aos movimentos de organização estudantil no contexto interno da escola. Há o registro do movimento *Sauna de aula não!*, que, no verão de 2011, mobilizou os alunos dos diversos *campi* para equipar as salas de aula com aparelhos de ar condicionado e enfrentar as altas temperaturas de fevereiro e março no Rio de Janeiro. São duzentas fotos postadas pelos alunos, registrando a grande mobilização obtida na ocasião, que contou, inclusive, com o apoio dos servidores organizados, representados pelo sindicato da categoria. Encontramos falas de líderes, como Martin Luther King, que conclamam à resistência e à luta por direitos. Há referências frequentes ao orgulho de pertencer ao Colégio.

Na linha de tempo do Grêmio 2 observamos a presença de 1177 amigos; neste espaço aparece a convocação para participar de um boicote à cantina do Colégio, em função dos altos preços praticados. A solicitação é para que os participantes comentem a foto da tabela de preços; no entanto, não há comentários registrados, apenas compartilhamentos e a opção “curtir”. A foto do perfil é bastante sugestiva no sentido de conclamar o engajamento estudantil. Expressa-se, apenas, por uma frase com letras maiúsculas e em cor vermelha, que diz: “Você é o Grêmio!”

O perfil do Grêmio 3 possui 3161 amigos; nele são relatados vários campeonatos de diferentes modalidades esportivas, com intenções informativas e de evocação para participação, além de acompanhar o movimento e a agenda de lutas estudantis. As páginas criadas pelos grêmios se constituem em mais um canal de conexão entre os estudantes, expandindo os contatos presenciais.

O número de professores que habitam a rede social *on line* com perfis próprios é grande, com boa interatividade com os alunos, inclusive debatendo temas contemporâneos, como eleições, democracia e gestão escolar. Os alunos convidam os professores e pares para eventos variados, expandindo o tempo-espaco de aprendizagem.

⁷ Os números referem-se a visitas à página em 23 de outubro de 2012.

Considerações Finais

As profundas transformações tecnológicas das últimas décadas (re)dimensionaram o processo de globalização em suas faces econômica, comunicacional e cultural. Todas as esferas do convívio social estão recriadas pela tecnocultura. Entendemos que a tecnologia faz parte do desenvolvimento humano e seu uso envolve práticas e valores sociais. Assim, pensar os jovens que estão na escola básica hoje implica em considerá-los em sua relação dinâmica, dialética e também desigual com os produtos culturais de seu tempo - imagem, som, velocidade, mobilidade e interatividade. Para tanto é preciso estar atento aos aspectos estruturais da sociedade contemporânea e às alterações do capitalismo que levam a transformações nos conceitos de público e privado, intimidade, democracia, representatividade, cidadania, entretenimento, segurança e vigilância.

As identidades juvenis (ou identificações como prefere Maffesoli (2010), estão expostas nas redes sociais *on line* e *off line*, presentes nas expressões culturais e redes sociais na internet. A comunicação é instantânea e imediata e os apelos de consumo incessantes. Cabe perguntar diante desse cenário se há alternativa ao pensamento único ou alguma possibilidade de articulação contra-hegemônica. Se a resposta for afirmativa, a perspectiva de emancipação ilumina o trabalho pedagógico com jovens. Teoricamente, os autores aqui referenciados desnudam um quadro de opressão à subjetivação, mas há alternativas a serem consideradas. A pesquisa de base antropológica é um instrumento de aproximação dessas possibilidades reais. A etnografia permite a leitura de interpretações e vivências integradas à realidade virtual e presencial. Os territórios digitais podem ser percebidos como expansão do espaço escolar; neles os relacionamentos são co-criados, trazendo alternativas às dinâmicas sociais. É de se esperar, pois, que a escola (re)conheça o significado simbólico desses territórios nas vivências dos adolescentes e jovens, sendo capaz de transformar os riscos em possibilidades educativas.

Referências Bibliográficas

- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- Barbosa, F., & Araújo, H. (2009). Juventude e cultura. In J. A. de Castro, L. M. C. de Aquino, & C. C. Andrade (Eds.). *Juventude e política social no Brasil* (pp. 221-242). Brasília: IPEA. Disponível em http://ipea.gov.br/sites/000/2/livros/livro_JuventudePolíticas.pdf.



- Barcelos, K. V. M. (2008). *Culturas juvenis numa escola pública de ensino médio: novos usos, novos cenários*. Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Beck, Ü., Giddens, A., & Lash, S. (1997). *Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Bauman, Z. (2007). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Birman, J. (2008). Adolescência sem fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano. In M. R. Cardoso, & F. Marty (Eds.) *Destinos da adolescência* (pp. 81-105). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Canclini, N. G. (2010). *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras.
- Canclini, N. G. (2008). *Consumidores e cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Castro, G. G. S. (2012). Screenagers: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital. In L. Barbosa (Ed.). *Juventudes e gerações no Brasil contemporâneo* (pp. 61-77). Porto Alegre: Sulina.
- Costa, M. V. (Ed.) (2009). *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Debor, G. (2003). *A sociedade do espetáculo*. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html>.
- Ferreira, L. S. S. (2009). *Cibercultura, imaginário e juventude: A influência da internet no imaginário de jovens brasileiros*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Gurski, R. (2008). *Juventude e paixão pelo real: Problematizações sobre transmissão e experiência no laço social atual*. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Harvey, P.-L. (1995). *Ciberespaço e comunática: Apropriação, redes, grupos virtuais*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Herzog, R., & Mariante, I. S. (2008). Entre a infância e o infantil: Vicissitudes da adolescência. In M. R. Cardoso, & F. Marty (Eds.). *Destinos da Adolescência* (pp. 39-53). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Hobsbawn, E. (1995). *A era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Ianni, O. (2000). *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Kehl, M. R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In R. Novaes, & P. Vannuchi (Eds.). *Juventude, sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 89-114). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Lemos, A. (2008). *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina.
- Levine, D. N. (1997). *Visões da tradição sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lévy, P. (2008). *Cibercultura*. São Paulo: Ed 34.
- Lipovetsky, G., & Serroy, J. (2011). *A cultura-mundo: Resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Maffesoli, M. (2010). *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Porto Alegre: Sulina.
- Mamede-Neves, M. A. C. (2006). O jovem no centro da dimensão oculta da internet. In A. M. N. C. (Ed.). *Cabeças digitais: O cotidiano na era da informação* (pp. 181-190). Rio de Janeiro: PUC-RJ; São Paulo: Loyola.
- Martinez, M. H. (2006). *De volta à escola: Escolarização e formas de sociabilidade de jovens das camadas populares*. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Morin, E. (1998). *A sociologia do microssocial ao macroplanetário*. Portugal: Mem Martins.
- Novaes, R. (2009). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: IPEA. Disponível em [http://ipea.gov.br/sites/000/2/livros/livro_Juventude Políticas. pdf](http://ipea.gov.br/sites/000/2/livros/livro_Juventude%20Políticas.pdf).
- Pappámikail, L. (2012). Juventude(s), autonomia e sociologia: Redefinindo conceitos transversais a partir do debate acerca das transições para a vida adulta. In J. Dayrrell et al. (Eds.), *Família, escola e juventude: Olhares cruzados* (pp. 372-393). Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Pereira, V. A. (2010). Juventude e internet: Dedicção na *lan house* e descaso com a escola. In G. Velho, & L. F. D. Duarte, (Eds.). *Juventude contemporânea: Culturas, gostos e carreiras* (pp. 9-26). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Pereira, V. A. (2008). *Na lanhouse, 'porque jogar sozinho não tem graça': Estudo das redes sociais juvenis on e off line*. Programa de Doutorado em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Rocha, C. (2011). Deslumbramentos e encantamentos: Estratégias tecnológicas das interfaces computacionais. *Revista Zona Digital*, 1(1). Disponível em: <http://zonadigital.pacc.ufrj.br/reflexoes-criticas/deslumbramentos-e-encantamentos-estrategias-tecnicas-das-interfaces-computacionais/>.



- Sarlo, B. (2006). *Cenas da vida pós-moderna: Intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Severiano, M. F. V., & Estramiana, J. L. Á. (2006). *Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas: Uma análise psicossocial*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Batista, M. I. F. C. S. (2008). *A formação do indivíduo no capitalismo tardio: Um estudo sobre a juventude contemporânea*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sodré, M. (2012). *Reinventando a educação: Diversidade, descolonização e redes*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Tapscott, Don (2010). *A hora da geração digital: Como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir Negócios.
- Trivinho, E. (2001). *O mal-estar da teoria: A condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro: Quartet.
- Zanetti, D. (2011). A cultura do compartilhamento e a reprodutibilidade dos conteúdos. *Revista do Programa de Pós-Graduação – UFF*, (25), 60-70. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/496>.